

DONALD L. BRAKE

COM SHELLY BEACH

400°
ANIVERSÁRIO DA
BÍBLIA
KING JAMES

UMA
HISTÓRIA
VISUAL

DA BÍBLIA KING JAMES

A INCRÍVEL HISTÓRIA DA TRADUÇÃO
MAIS CONHECIDA DO MUNDO

Da Controvérsia ao Legado
Com mais de 85 belas ilustrações

“Essa excelente história da Bíblia King James junta fatos, pano de fundo histórico, fotos maravilhosas e experiências pessoais. Com certeza, ela aumentará seu apreço pela Bíblia inglesa.”

Charles C. Ryrie, editor da Ryrie Study Bible

“Nunca antes na história, tantas pessoas tiveram interesse pela Bíblia. Algumas anseiam por sua verdade; outras tentam depreciar sua mensagem. Donald Brake, de forma brilhante, esclarece, com simplicidade e realidade pictórica, o que para muitos é um livro empoeirado e desatualizado. Eis uma obra-prima criativa de um estudioso respeitável confirmando a Palavra de Deus para todos os seres humanos. Este livro, de leitura agradável, é um excelente e autêntico enriquecimento para toda biblioteca cristã.”

Howard G. Hendricks, destacado professor emérito de educação e liderança cristãs, Dallas Theological Seminary

“Ninguém é mais versado em tradução da Bíblia inglesa que Donald Brake. Este livro reúne informações impressionantes sobre a Bíblia King James. O que torna o livro especial é a quantidade das fotografias.”

Leland Ryken, professor de inglês, Wheaton College

“Todo cristão de fala inglesa — na verdade, todo falante cuja língua nativa é o inglês — deveria ter uma Bíblia King James. Ela é o maior monumento à língua inglesa — e foi feita por um comitê! Ela compacta nossa história, herança, cultura, arte e língua de formas que, até então, não foram descritas em um único volume. A história da Versão King James está associada à Reforma e à luta para conseguir levar a Palavra de Deus para os leigos. Ela é a tradução da Bíblia mais importante produzida no último milênio. Isso não quer dizer que a Bíblia King James seja a única tradução que deve ser lida nem que seja a melhor. Mas Donald Brake mostra através de pesquisa meticulosa, estilo cativante, tom tranquilo e fotografias excelentes que essa tradução merece um lugar em nossa biblioteca e em nosso coração. O Dr. Brake foi o homem certo para escrever este livro, como as muitas ilustrações e narrativas mostrarão. Essa é sua paixão e sua vida. Recomendo *Uma História Visual da Bíblia King James* para todo cristão de fala inglesa, pois aqui você descobrirá uma parte da rica tapeçaria da fé cristã na qual você se encontra hoje.”

Daniel B. Wallace, diretor executivo do The Center for the Study of New Testament Manuscripts

“No 400º aniversário da tradução mais famosa da Bíblia em inglês, Donald Brake escreve um relato envolvente da história da Bíblia King James. Os relatos de Brake sobre o processo de tradução, o fundamento textual da tradução, a impressão do século XVII e as técnicas de desenho são todos entremeados com suas histórias pessoais, como colecionador de Bíblias raras. As fotografias de muitos dos volumes raros da coleção de Brake, agora no Museu da Bíblia de Dunham, enchem as páginas deste livro belamente ilustrado.”

Diana Severance, diretora do Museu da Bíblia de Dunham

“A Versão King James, quer muitíssimo amada quer considerada arcaica, tem causado um profundo impacto não só no mundo de língua inglesa, mas na língua mesmo que falamos. Com a paixão de um colecionador e a percepção qualificada de um estudioso, Donald Brake conta a história fascinante de como a política inglesa dos séculos XVI e XVII modelou a tradução da Bíblia, aceita pelas alas anglicana e puritana da Igreja inglesa. Independentemente de qual seja sua versão preferida da Bíblia, este é um livro que merece ser lido.”

Michael A. Harbin, presidente do Departamento de Estudos Bíblicos, de Educação Cristã e de Filosofia da Taylor University

“Donald L. Brake possui o talento e experiência de um estudioso, professor, colecionador de primeiras edições da Bíblia em inglês, historiador e missionário para produzir uma obra tão instrutiva. O Dr. Brake, como estudioso, entende a linguagem bíblica por trás da Versão King James e o desafio que enfrentam todos os tradutores. Como professor, ensinou a gerações de estudantes usando a Versão King James e outras versões antigas da Bíblia em inglês. Além do mais, ele ensinou a Bíblia para esses estudantes por meio de versões inglesas antigas e modernas. Como colecionador, passou ter amplo conhecimento das várias revisões, correções e edições da Versão King James, tornando-se especialista nas características físicas das edições, incluindo a impressão e blocagem. Como historiador, está totalmente familiarizado com as várias controvérsias, antigas e modernas, referentes à tradução. Como missionário, testemunhou a influência da Versão King James na tradução da Bíblia para outras línguas e culturas. Fica evidente que o Dr. Brake está totalmente qualificado para escrever uma obra leal.”

Russell Fuller, professor de Antigo Testamento em The Southern Baptist Theological Seminary; autor de *Invitation to Biblical Hebrew*

“A obra *Uma História Visual da Bíblia King James*, do Dr. Brake, é, de fato, magnífica! Muitíssimo erudito e, ainda assim, de leitura agradável, este livro apresenta a história clara, concisa e com muitas ilustrações coloridas e interessantes da Bíblia King James. Sua exatidão em relação à história da Bíblia também é temperada com frequentes descrições vívidas dos eventos que cercaram o nascimento e produção dessa versão que representa o auge da história da Bíblia inglesa. Algumas das experiências pessoais de Don como colecionador de longa data de Bíblias mantém o interesse do leitor aceso. Este livro, de fato, é o produto proveitoso do longo tempo de estudo e de ensino da Bíblia por Don, bem como de sua paixão para que as pessoas conheçam os estudiosos comprometidos que nos deram a Bíblia em inglês.”

John Hellstern, cofundador do The Living Word National Bible Museum

UMA HISTÓRIA
VISUAL
da
BÍBLIA KING JAMES

A INCRÍVEL HISTÓRIA DA TRADUÇÃO
MAIS CONHECIDA DO MUNDO

DONALD L. BRAKE
COM SHELLY BEACH



bvbooks

BV Films Editora Ltda.
Rua Visconde de Itaboraí, 311
Centro | Niterói | RJ | 24.030-090
55 21 2127-2600 | www.bvfilms.com.br

Edição publicada sob permissão contratual com Baker Books, a division of Baker Publishing Group, Grand Rapids, Michigan, 49516, U.S.A.
Copyright © 2011 by Donald L. Brake. Originally published in English under the title *A Visual History of the King James Bible*. All rights Reserved.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9610/98. É expressamente proibida a reprodução deste livro, no seu todo ou em parte, por quaisquer meios, sem o devido consentimento por escrito.

EDITOR RESPONSÁVEL
Claudio Rodrigues

COEDITOR
Thiago Rodrigues

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Luiz Felipe Rolim

REVISÃO DE CAPA
Larissa Almeida

REVISÃO DE DIAGRAMAÇÃO E ÍNDICES
Hellen Arantes

TRADUÇÃO
Regina Aranha

REVISÃO DE PROVAS
Amanda Porto
Christiano Titoneli

Os conceitos concebidos nesta obra não, necessariamente, representam a opinião da BV Books, selo editorial BV Films Editora Ltda. Todo o cuidado e esmero foram empregados nesta obra; no entanto, podem ocorrer falhas por alterações de software e/ou por dados contidos no original. Disponibilizamos nosso endereço eletrônico para mais informações e envio de sugestões: faleconosco@bvfilms.com.br.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados à BV Films Editora ©2013.

BRAKE, Donald L.; BEACH, Shelly.
Uma História Visual da Bíblia King James: A incrível história da tradução mais conhecida do mundo. Rio de Janeiro: BV Books, 2013.

ISBN 978-85-8158-021-0

1ª edição Agosto | 2013

Impressão e Acabamento Imprensa da Fé

Categoria Cristianismo

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

À minha família pelos anos que investiram em minha vida e pelo sacrifício por causa de meu trabalho como colecionador de Bíblia, missionário, pastor, professor, educador e escritor.

Francis e Anna Mae Brake, pai e mãe (falecidos); Donnie e Beth Taylor Brake, filho e nora; DL, Josh e Caleb, netos; Debbie e Robert Stroppa, filha e genro; Brianna e Isaiah, neta e neto; e Michael Brake, filho (falecido).

Sumário

Ilustrações 9
Ouçam, ouçam... 15

1. Uma nação encontra sua língua: o inglês desenvolve-se como língua nacional 21
2. Agitando as chamas: as primeiras Bíblias impressas em inglês, do rei Henrique VIII à rainha Maria 41
3. O difícil combate teológico: as facções protestante, católica e anglicana sob o reinado de Elizabeth I 67
4. Os puritanos, as petições e os complôs: uma batalha real por um legado inglês 83
5. Os homens e sua missão: o início do trabalho de tradução 95
6. Traçando o caminho: o papel das línguas originais na Versão King James 135
7. A rejeição, a reescrita e a revisão: o processo de tradução 163
8. A obra-prima a partir do caos: a Bíblia King James vai para a impressão 173
9. Os mapas, as notas de rodapé e a mitologia: a formatação de um tesouro inglês 189
10. Os ramos da genealogia: as quatro irmãs da Versão King James de 1611 205

11. O crescimento da família: os descendentes diretos da
Versão King James 215
12. Os primos norte-americanos: a entrada no Novo Mundo 241
13. Contemplem o legado: a inspiração e a contribuição 253

Agradecimentos 263

Apêndice 1: A Versão King James comparada com as
traduções do século XVI e as versões modernas 265

Apêndice 2: Cronologia da Versão King James 271

Notas 275

Bibliografia Seleccionada 285

Índice das Escrituras 289

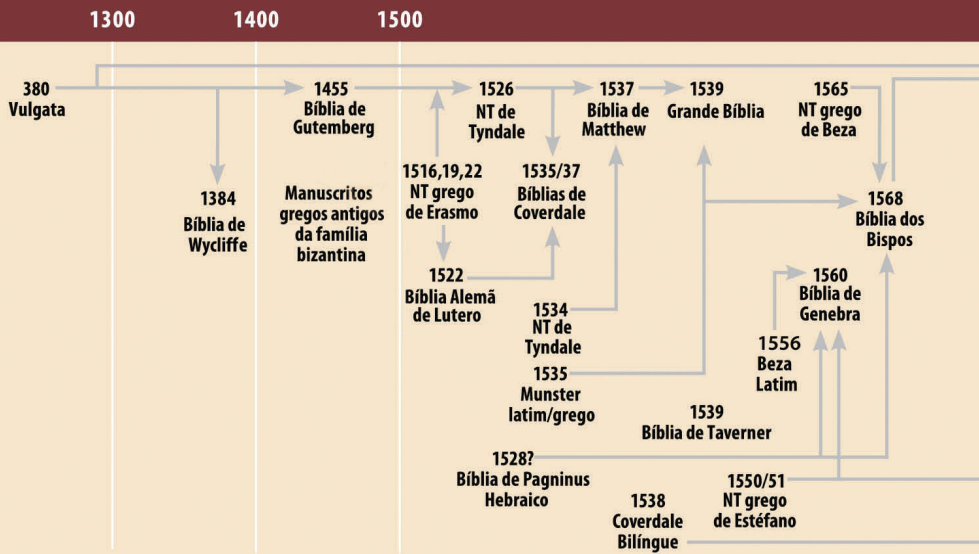
Índice Onomástico 293

Ilustrações

- A linha do tempo: a confecção da versão King James 12
- Corte de Hampton 16
- A cópia do Novo Testamento de Wycliffe 27
- O retrato de John Wycliffe 29
- A folha original de Wycliffe 32
- A Bíblia King James (1611) 37
- A Lenda Dourada* 42
- O retrato de William Tyndale 43
- O retrato de Erasmo 44
- O retrato de John Colet 45
- O Novo Testamento de Tyndale (1536) 48
- O castelo Vilvorde 49
- A carta de Tyndale 52
- A página-título da primeira Grande Bíblia 55
- A Bíblia de Matthew (1537), a *Lenda Dourada* (1521) e Coverdale (1537) 59
- As páginas-título das Grandes Bíblias de 1540 e 1541 60
- A Bíblia bilíngue de Coverdale (1538) 62
- O retrato de Thomas Cranmer 63
- A Bíblia de Taverner (1539) 64
- A página-título com retrato de Eduardo VI 68
- A Bíblia de Genebra (1560), Estéfano (1551), a Bíblia em latim (1495), o Novo Testamento de Genebra (1557) e o moderno *Textus Receptus* 69
- O retrato da rainha Elizabeth I na Bíblia dos Bispos (1568) 72
- As várias Bíblias católico-romanas 74
- A Bíblia dos Bispos (1572, 1568 e 1602) 75
- As edições de Bíblias colocadas por tamanho 78
- Retrato do arcebispo Grindal 79

Retrato do rei James I na folha de rosto da Bíblia King James de 1616	86
Retrato de Richard Bancroft	88
Palácio Lambeth	89
A carta de confissão para a Conspiração da Pólvora	91
A catedral de Winchester	96
Catedral de Ely	97
O retrato de Lancelot Andrews	100
O retrato de John Rainolds	107
O retrato de Miles Smith	108
O retrato de Richard Brett	109
O retrato de Henry Savile	112
O palácio Buckden, residência do bispo Barlow	116
Corpus Christi College	117
O retrato do arcebispo Whitgift	124
A Bíblia dos Bispos (1602)	125
Os fragmentos de papiros dos séculos III ao VI	137
O mapa da distribuição dos livros do Novo Testamento	138
O manuscrito grego moderno copiado no estilo antigo	140
A réplica da prensa de Gutenberg	141
O Novo Testamento grego de Robinson e de Pierpont	143
Os <i>Textus Receptus</i>	144
O Novo Testamento grego que dá sustentação à Bíblia King James	148
O Novo Testamento de Lachmann (1831)	154
Os Novos Testamentos gregos	159
O retrato do conde de Leicester na Bíblia dos Bispos de 1568	165
As Bíblias dos Bispos (1602), de Genebra (1560) e de Rheims (1582)	169
O retrato de Sir Francis Walsingham	174
O memorial de Barkers no lugar da sua gráfica	175
A página-título da segunda edição da “She Bible” (1613)	183
O retrato do rei Carlos I	185
As iniciais decoradas da Versão King James de 1611	191
O mapa de Speed	197

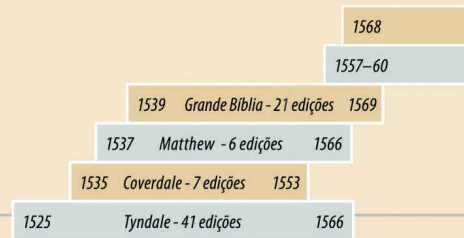
O brasão do rei James	198
A genealogia da Versão King James	199
A folha de Mateus 1 da edição de 1611	200
A folha com o título “Josué é preso” da edição de 1611	200
A folha dos livros apócrifos da edição de 1611	201
A folha da edição de 1611 com o título “Boaz conversa com”	201
A folha “nuvem e fogo” da edição de 1611	202
As quatro edições da Bíblia editada de 1611	205
A edição de Tyndale de 1525 sem doxologia	206
A página-título da versão “He” da Bíblia de 1611	207
A página-título do Novo Testamento da segunda edição da versão “She” da Bíblia King James (1611)	210
A página-título da terceira edição fôlio da Versão King James (1617)	211
A página-título da quarta edição fôlio da Versão King James (1634)	212
A página-título da quinta edição numerada (1639-40)	213
As revisões da Versão King James	216
A página-título de uma revisão de 1616	218
A página-título da Versão da King James de Cambridge de 1629	220
A “Bíblia Iníqua”	223
A página-título da Versão King James de Paris (1762)	225
A página-título da revisão de Blayney de 1769	227
A folha de rosto da Bíblia em Parágrafos de Cambridge (1873)	229
As versões modernas da King James	234
As edições de colecionador das Versões da King James em edições de alta qualidade	237
A folha da Bíblia de Eliot de 1663	243
A folha da Bíblia de Aitken	245
O anúncio no jornal <i>Massachusetts Spy</i>	246
As Bíblias e Novos Testamentos da Guerra Civil	249
Novos Testamentos da Guerra Civil de 1862 e 1863	250
A borda frontal da Bíblia King James	254
A capa do rei Davi da Bíblia King James	254
As cópias modernas de Bíblias inglesas	255

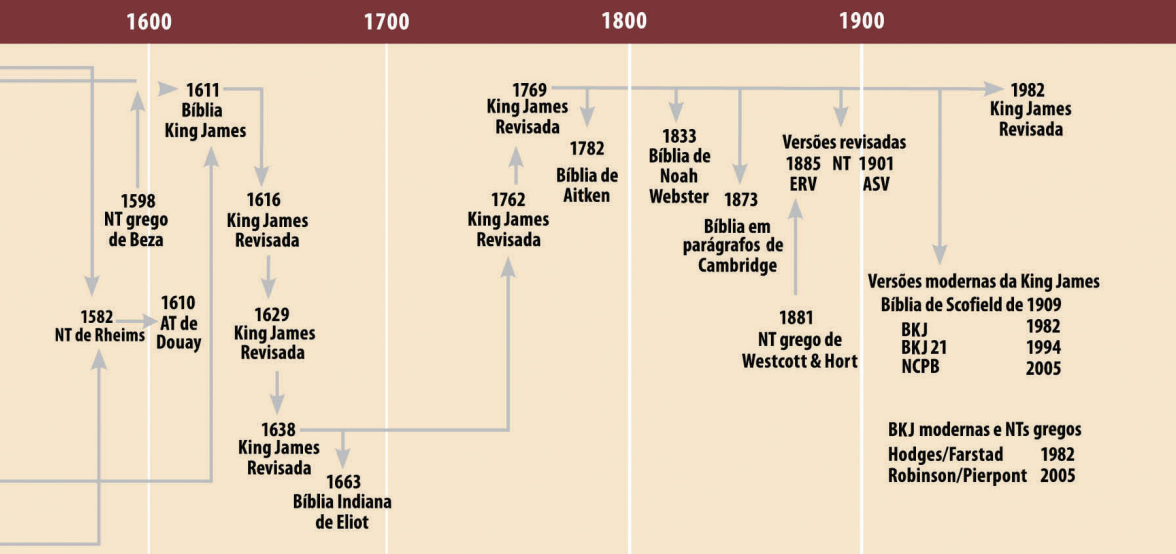


A CONFEÇÃO DA

Versões e edições produzidas durante

Ricardo II 1377–99	Henrique VII 1455–1509	Henrique VIII 1509–47	Eduardo VI 1547–1553	Maria I 1553–58
Wycliffe (1384–88)	Gutenberg (1455) A Lenda Dourada (1483)	NT Tyndale (1526) Coverdale (1535) Matthew (1537) Taverner (1539) Grande Bíblia (1539)	Nenhuma nova tradução Tyndale (17 eds) Coverdale (3 eds) Matthew (3 eds) Grande Bíblia (8 eds) Taverner (4 eds)	Nenhuma Bíblia protestante (1557)

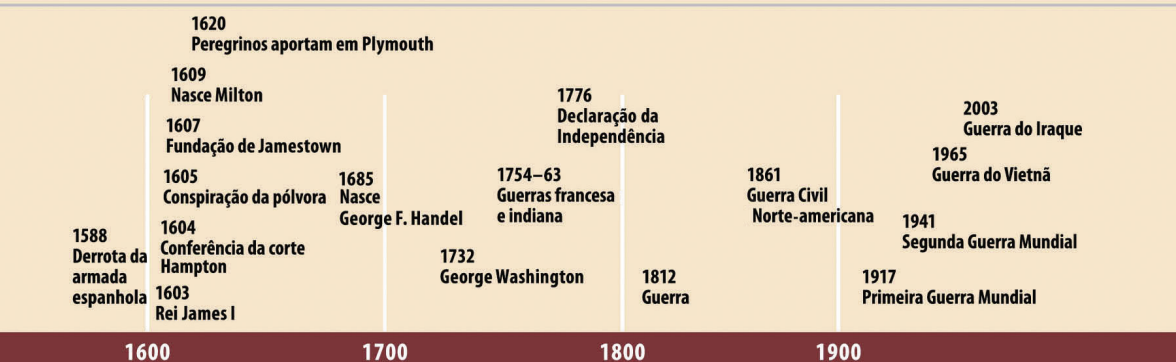




VERSÃO KING JAMES

os reinados dos monarcas da Inglaterra

Elizabeth I 1558–1603	James I 1603–25	Charles I 1625–49	Charles II 1660–85	George III 1760–1820
Genebra (1560) Dos Bispos (1568) NT de Rheims (1582)	AT de Douay (1610) BKJ (1611) Revisão da BKJ (1616) De Genebra é banida (1616)	Revisão da BKJ (1629) Revisão da BKJ (1638)	Indiana de Eliot (1663) Impressão norte-americana	De Aitken (1782) Norte-americanos começam a imprimir Bíblias inglesas



Ouçam, ouçam...

Metade da corte do palácio de Hampton quase veio abaixo com os gritos e aclamações quando Sua Majestade, o rei James I, entrou na sala e subiu ao camarote real. O clamor só acalmou quando o martelo foi batido anunciando o início do segundo dia da Conferência da Corte de Hampton, em 16 de janeiro de 1604. A conferência fora convocada em resposta a um documento formulado pelos puritanos e submetido a James I pedindo reformas na Igreja. Enquanto as horas passavam, e as percepções quanto à longa lista de questões controversas se contrapunham, os puritanos ficavam cada vez mais frustrados enquanto o rei decidia consistentemente em favor da maioria anglicana. Por baixo do aumento da tensão estava o fato de que os anglicanos preferiam a Bíblia dos Bispos, produzida em 1568, rejeitada pelos puritanos em favor da Bíblia de Genebra, com sua extensa seção de referências cruzadas, de introduções e de ferramentas de estudo.

Sua Majestade, o rei James I, usando um chapéu espanhol, alto e enfeitado, sentado a uma distância real do clero, todos de cabeça descoberta, mal foi ouvido quando se levantou para se dirigir à corte: “Estamos reunidos aqui, de novo, nesta segunda-feira, nesse segundo dia da conferência que deve mudar a Igreja da Inglaterra”.

A multidão se comprimia para ouvir as palavras reais, mas a voz de Sua Majestade não combinava com a presença imponente. Ele nasceu com a língua muito grande para o tamanho da boca, de-



A sugestão para a tradução da famosa Versão King James foi feita na corte de Hampton, em 1604.

feito que o impedia de projetar as palavras com a força da realeza.

Naquele momento crítico, os atos de um homem remodelariam a linguagem da fé cristã, dando início a uma nova tradução da Bíblia, conhecida como a maior realização literária da Inglaterra. O puritano John Rainolds — homem persistente, teimoso e desinibido — levantou-se para ser notado. Ele sabia muito bem que, por esse ato tão corajoso, a reprimi-



menda do rei poderia cair sobre ele como um golpe de espada.

“Por favor, Sua Majestade poderia...” Caiu um silêncio mortal na sala quando John falou. “Por favor, Sua Majestade, gostaria de sugerir que fosse feita uma nova tradução que responderia à intenção do original, em vez de permitir o uso das interpretações deturpadas de Henrique VIII e de Eduardo VI.”

Todos os olhos voltaram-se para Sua Majestade, examinando o rosto do monarca em busca de alguma reação. Uma palavra poderia dar fim à esperança dos puritanos expressa por Rainolds.

A voz de Richard Bancroft, bispo da diocese de Londres, advogado do rei e partidário da Bíblia anglicana, sobressaiu-se na multidão. “Se a vontade de todo homem fosse seguida, as traduções não teriam fim.” Essas palavras transmitiram todo o sarcasmo pretendido.

A plateia encolheu-se ainda mais em silêncio na fria sombra do desafio à espera da resposta de Sua Majestade. Todas as pessoas na sala, quer cortesãos quer servos, sabiam que os puritanos apoiavam a Bíblia de Genebra; e os anglicanos, a Bíblia dos Bispos. Mas o que o desafio de Rainolds representava para o rei James e a Igreja da Inglaterra?

Os implacáveis olhos azuis do rei olharam firmemente Rainolds quando este se levantou. “Gostaria que a Inglaterra tivesse uma tradução uniforme, mas não vi ainda uma boa tradução da Bíblia para o inglês e acho que a Bíblia de Genebra é a pior de todas.”¹

Naquele dia, na corte do palácio de Hampton, se um alfinete tivesse caído no chão, todos o teriam ouvido. O rei levantou o braço e apontou o dedo, em sinal de advertência, para o grupo. “Essa nova tradução não deve ser sobrecarregada de notas de rodapé parciais, inverídicas, subversivas e traiçoeiras em relação à

realeza, mas, antes, deve propagar a ideia do governo divino por intermédio dos monarcas.”

O rei deu a ordem. Ele determinou que fosse feita uma nova tradução com uma nova missão. A Bíblia King James seria a versão da Escritura de Sua Majestade.

Quatrocentos anos atrás, nascia um livro que deixou um legado não só na área literária, mas também na linha do tempo da história e da igreja cristã — a Versão King James da Bíblia. Como campeã mundial de vendas dos últimos quatro séculos, a Versão King James não foi superada em popularidade e em influência por todos os outros livros ingleses. De seu misterioso início a sua resistência em meio à crítica, a Versão King James continua inigualável em sua prosa e poética majestosa. Ela é uma sobrevivente que permanece como um legado para nossa sede por verdade espiritual.

A aquisição da minha primeira cópia de colecionador da Versão King James estimulou meu sonho de escrever um livro que celebrasse essa obra-prima eterna. Minha história começa décadas atrás, quando meu interesse por colecionar manuscritos e Bíblias raras foi despertado no segundo ano do seminário. Sentado no chão do gabinete do professor Charles Ryrie, com um pequeno grupo de colegas, fiquei hipnotizado enquanto ele virava delicadamente as páginas de Bíblias e manuscritos raros que nunca sonhei em ver nem tocar. Meus anos de seminário foram um desafio do ponto de vista financeiro com meu rendimento que mal dava para sustentar minha família. Por isso, a despeito da minha recém-descoberta paixão, deixei a ideia de colecionar Bíblia arquivada por mais de uma década enquanto terminava o seminário e administrava uma escola de Bíblia na Etiópia.

Então, no fim da década de 1970, Richard Estes, um colecionador, reacendeu minha paixão. Ele deu-me um livro escrito por Robert Dearden Jr., em 1929. *The Guiding Light of the Great Highway*, livro que apresenta uma história e revê Bíblias antigas, estimulou minha primeira aventura no mundo da atividade de colecionar, modelou minha filosofia de colecionador para o resto da vida e serviu como guia quando montei minha coleção de Bíblias raras e relevantes. Li e manuseei tanto esse livro que a sobrecapa está revirada; e a lombada, rachada em diversos lugares. Cada página tem a marca das minhas mãos, e os cantos estão gastos principalmente nas áreas favoritas de pesquisa.

Desde os primeiros dias de colecionador, busquei uma Bíblia preciosa: uma primeira edição da Versão King James. A primeira edição das Bíblias King James (BKJ), considerada a pedra fundamental de qualquer coleção, são raras e caras.

Da controvérsia surgiu a maior realização literária já feita na língua inglesa, e que definiu o reinado de James I. O puritano Rainolds, como aconteceu com a maioria dos homens e mulheres que se levantam com coragem, não sabia que seu gesto simples representaria um ponto crucial na história e que ele daria origem a um dos livros mais influentes de todos os tempos.

Meu salário na Multnomah School of the Bible (hoje, Multnomah University), quando comecei a ensinar, em 1977, depois de voltar da Etiópia, sustentava minha família, mas sobrava pouco dinheiro para colecionar Bíblias raras. Assim, decidi destinar o salário como assistente do treinador de basquete para financiar minha mania, cada vez maior, de colecionar Bíblias.

Um final de tarde, recebi um telefonema de Richard Estes, com quem conversava regularmente sobre Bíblias disponíveis no mercado, os preços cobrados e os colecionadores que as compravam. Richard ofereceu-me uma edição “She” da Versão King James de 1611-13. Essa edição, com frequência considerada a primeira ou a segunda edição, segunda tiragem, é chamada “She Bible” por causa de Rute 3.15, passagem que traz: “Entrou ela na cidade” (ARA), em vez das palavras da primeira edição da versão de 1611: “Ele voltou para a cidade” (NVI).

A oferta inicial de Richard fez meu coração disparar. Embora faltasse a página de título geral da Bíblia, ela estava muitíssimo conservada, e até mesmo a lombada era original — um achado raro. O preço estava além dos meus recursos, mas pensei que era a oportunidade da minha vida. Para acalmar minha consciência, telefonei para o Dr. Ryrie, meu ex-professor, em busca de conselho. As palavras desse homem me dariam a confirmação de que precisava para seguir adiante com uma compra crucial ou recusar a oferta. Ainda lembro-me da empolgação que o comentário do Dr. Ryrie me causou. Embora faltasse a importante página-título na Bíblia, a blocagem e a lombada originais mantinham o valor da Bíblia.

Meu telefonema seguinte foi para Richard a fim de concluir a transação.

Naquele momento, uma sensação de realização tomou conta de mim. Tinha adquirido o que meu coração desejava, a pedra angular da minha coleção; uma primeira edição da Bíblia King James.

Convido-o a penetrar nestas páginas com a narração da maravilhosa e fascinante história da criação da Bíblia King James. Não se apresse, absorva lentamente a importância da história. Esteja preparado para perder um pouco de sono e enfrentar seu próprio risco, pois talvez esteja destinado a se apaixonar ao longo do caminho e se tornar um amante da Bíblia mais vendida no mundo.

1

Uma nação encontra sua língua

O inglês desenvolve-se como língua nacional

A história da língua é a história dos movimentos históricos e das influências culturais que, ao longo das eras, canalizam as palavras e os pensamentos, além do coração e da vida de pessoas. A língua nos modela e define. Vislumbrar a história da linguagem da Bíblia King James equivale a vislumbrar nossa própria história.

A língua inglesa, como todas as línguas, tem evoluído ao longo dos séculos e continuará a evoluir durante o século XXI. Ela passa por mudanças neste exato momento. Nos últimos quinhentos anos, a evolução das palavras e da língua foi drástica, e essas mudanças, com frequência, são bem rastreadas por intermédio de textos das Escrituras que foram preservados através dos séculos. A tradução de Wycliffe, de 1388, a King James, de 1611, e a tradução A Mensagem, de 2002, testemunham a variedade de mudanças que ocorreram na língua inglesa.

Contudo, o desenvolvimento da língua inglesa foi relativamente rápido, quando comparado com o desenvolvimento da língua de muitas civilizações. Por exemplo, enquanto o desenvolvimento do grego e de outras línguas antigas levou milhares de anos, o tempo que a língua anglo-saxônica (precursora do inglês moderno) levou para se desenvolver

em palavras semelhantes às faladas hoje pode ser medido em algumas centenas de anos.

Três períodos distintos marcam o desenvolvimento do inglês: (1) inglês antigo, o período que vai do século VI à conquista da Normandia, em 1066; (2) inglês médio, de 1100 a 1500; e (3) inglês moderno, de 1500 até hoje. A conquista da Normandia (quando as tropas de William, duque da Normandia, invadiram a Inglaterra) alterou de forma relevante a antiga língua anglo-saxônica por causa da influência do francês. Subsequentemente, no século XIV, a língua anglo-saxônica deu lugar a uma língua inglesa reconhecível e genuína.

O período do inglês antigo (século VI até 1066)

É difícil imaginar que, quando os romanos aportaram nas ilhas da Inglaterra alguns anos antes do nascimento de Cristo, a língua inglesa não existia. A língua daquela época e lugar incluía elementos do alemão e do celta. Só no século VI, uma pequena porcentagem da população britânica começou a falar um protótipo do inglês.

Durante esse período, do século VI até a conquista da Normandia, o povo britânico foi sacudido por invasões e esforços missionários que acrescentaram sabor e textura à língua inglesa. O desenvolvimento do inglês, em parte, foi modelado pelas tribos germânicas — os anglos, os saxões e os jutos — que lutaram entre si pela supremacia e com as tribos dos pictos, dos escoceses e dos galeses que habitavam a ilha. Depois, no século VI, o papa Gregório, que considerava os habitantes da ilha pagãos, enviou um monge chamado Augustine¹ para converter o rei Etelberto ao cristianismo. Etelberto, terceiro rei do reinado de Kent, governou sobre uma aliança dos anglos, dos saxões e dos jutos. A missão de Augustine teve êxito e, com o tempo, passou-se a encontrar palavras gregas e latinas no vocabulário inglês. Ao longo de mil anos, esses fatos combinados com forças culturais criaram uma língua híbrida que assimilou elementos romanos, saxões, dinamarqueses e normandos formando uma nova variedade do inglês.

A política de invasão e conquista levava cativa a língua, junto com seu povo. A língua dos primeiros invasores, conhecida hoje como inglês antigo ou inglês anglo-saxão, formou a base rudimentar do inglês falado hoje.

Eles são como os anjos do céu

Gregório, altivo e controlador, andava pelos famosos mercados de Roma, conhecidos pelo frenesi de negociantes vendendo suas mercadorias. Ele fazia, com frequência, esse caminho que, no fim, levava à arena, no fim da rua, onde se vendiam escravos. Nesse dia ensolarado e brilhante, ele viu, enquanto observava os escravos, alguns homens jovens e meninos bonitos, de pele branca e de cabelos sedosos preparados para o leilão.

Ele não estava interessado em comprar nenhum dos meninos para si mesmo, mas ficou curioso. Alguma coisa naquele dia, em particular, levou-o a perguntar ao vendedor: “De onde são esses jovens? Eles são cristãos ou pagãos?”

A resposta veio rápida: “Eles são pagãos da ilha da Britânia!”

“Ai de mim! Que lamentável, o próprio demônio possui homens com feições tão bonitas.”

Claro que ele falava no tom condescendente tão comum aos homens de sua posição. Ele perguntou uma segunda vez como se não tivesse entendido direito: “De onde você disse que eles vieram?”

“Eles são anglos da Britânia,” replicou o mercador de escravos.

“E onde fica a Britânia?” Gregory parecia decidido a saber mais sobre essas curiosas criaturas.

“Eles são da província de Deira.” O dono dos escravos virou-se irritado e ansioso para acabar com a conversa.

“E qual é o nome do rei de Deira? Acho interessante que o termo latim para essa província signifique raiva — ‘de ira’. Acho que você não sabe isso, não é?” disse Gregory ignorando a impaciência e a falta de interesse do homem.

“Por favor, senhor, os negócios me chamam,” continuou o homem. “Mas o homem chama-se Aella.”

Gregory parou.

“Aella — Aleluia — louve o Deus da criação, cujo nome deve ser entoado na ilha da Britânia, e esses anglos, esses anjos, serão arrancados da ira de Deus.”

Com essas palavras, o futuro papa Gregório descobriu sua missão. Sua história, conforme relatada pelo historiador da igreja Bede, o Venerável, prossegue e registra que Gregório, quando se tornou papa, enviou missionários, liderados por Augustine, para evangelizar os anglos.²

A conquista anglo-saxônica obteve tanto sucesso que pouquíssimas palavras da língua inglesa original (celta) sobreviveram. O amor anglo-saxão pela ambiguidade, alusão e jogo de palavras caracterizava seus escritos e penetrou na literatura inglesa de todas as épocas.³

Não é de surpreender que as porções escritas mais antigas da língua inglesa ganharam vida e sobreviveram ao longo das eras na forma das Escrituras. Caedmon (c. 657-84), leigo de Yorkshire ligado a um monastério, hoje conhecido como a abadia de Whitby, que musicou versos em inglês anglo-saxão. Uma inscrição descreve seu hábito de entoar porções das Escrituras com métrica vernacular muitíssimo complicada. Seu poema conhecido como *Hino de Caedmon* — poema de louvor em honra de Deus — ficou conhecido porque sobreviveu em mais de vinte cópias. Um manuscrito (c. 737), que talvez, conforme se acredita, seja a primeira cópia sobrevivente do *Hino de Caedmon*, é mantido em uma coleção na Biblioteca da Universidade de Cambridge.

O período do inglês antigo caracterizou-se pelos manuscritos latinos que usavam notas, explicações nas entrelinhas, um tipo de tradução palavra por palavra posta diretamente no texto. O acréscimo de notas extras era uma ferramenta pedagógica anglo-saxônica para apresentar o latim para o leitor usando justaposição visual. O exemplo mais famoso é o manuscrito de Lindisfarne — uma tradução literal do século X do texto para o dialeto anglo-saxão feita por um escriba chamado Aldred (m. 968).⁴ A influência latina, às vezes, facilitava a aceitação de novas palavras no inglês antigo. Os termos latinos *spiritus sanctus* (Espírito Santo), *evangelium* (boas-novas) e *feond* (dia do julgamento) tornando-se *Hilig Gast* (Espírito Santo), *god-spell* (Evangelho) e *Doomsday* (dia do juízo).⁵

Entre 750 e 1050, as maciças invasões vikings (ou dinamarquesas) do Norte influenciaram o desenvolvimento do inglês. O rei de Wessex, Alfredo, o Grande (849-99), obteve uma vitória crucial sobre os vikings em Ethandune. A vitória de Alfredo representou que os bretões mantiveram a língua inglesa — o inglês antigo não morreria nem seria absorvido sob o governo dos conquistadores noruegueses. Contudo, os noruegueses exerceram alguma influência no inglês, embora seja difícil de avaliar quanto, porque o inglês e o norueguês são parecidos. No entanto, fica claro que

sky, skin, root e outras palavras monossilábicas foram assimiladas do norueguês antigo.

Alfredo, o Grande, reconstruiu escolas e insistiu que a educação fosse conduzida no inglês vernacular. Ele demonstrou sua dedicação ao desenvolvimento do inglês quando, aos quarenta anos, comprometeu-se em aprender o latim a fim de executar o crucial trabalho de tradução.⁶ Esse esforço resultou em sua tradução dos Dez Mandamentos, de extra-tos do livro de Êxodo e de Atos dos Apóstolos e em uma forma negativa da Regra de Ouro.⁷

Um escritor destaca-se durante o período do inglês antigo: Aelfric de Eynsham (955-c. 1010). Aelfric, embora não fosse um verdadeiro tradutor, desenvolveu o uso da linguagem vernacular e preparou o palco para a tradução dos Evangelhos de Wessex, aproximadamente, 990 traduções dos Evangelhos da Bíblia latina Vulgata para o dialeto anglo-saxão do inglês antigo. A tradução de Aelfric das lições de Pentateuco, Josué, Juízes, Reis, Jó, Ester e Macabeus destacou-o como importante figura no desenvolvimento da linguagem e estabeleceu o fundamento para a tradução da Bíblia para o inglês.⁸ Embora Aelfric não tenha traduzido as Escrituras, ele proclamou a verdade bíblica e religiosa no inglês simples do dia a dia para as pessoas que não conheciam o latim.

Apenas no século X foi que surgiu uma tradução dos quatro Evangelhos em inglês antigo. Os Evangelhos de Wessex, escritos anonimamente, não têm data, mas os vários manuscritos existentes, nenhum deles é original, testemunham uma data anterior. Na verdade, os Evangelhos de Wessex continuaram a ser lidos depois da invasão normanda, em 1066.⁹ Essa bem-sucedida invasão dos franceses alterou de forma relevante a língua inglesa e influenciou os esforços para traduzir a Bíblia. O inglês antigo estava desaparecendo e plantara-se a semente do inglês médio. Com o crescimento desse idioma, surgiriam esforços para novas traduções.

Um importante documento do inglês antigo, mas escrito em língua gótica, chama-se *Codex Argentens*, ou Livro de Prata, porque foi copiado com tinta prateada. Essa tradução dos Evangelhos, concluída por volta de 360 d.C., pelo famoso estudioso e missionário Ulfilas

(c. 310-83), exclusivamente para os godos, representa uma versão pré-inglesa das Escrituras. Percebe-se o progresso da língua com a justaposição de frases-chave do *Codex Argentens* com a tradução das mesmas frases nas versões em inglês antigo, médio e moderno.

Gótico (360) ¹⁰	Inglês antigo, anglo-saxão (995)	Inglês médio, Wycliffe (1388)	Inglês moderno, King James (1611)	Português
In bokom Psalmo	On tharn Sealme	In the book of salms	In the book of Psalms	No livro de Salmos
Ik in thata dour	Ic com geat	Y am the dore	I am the door	Eu sou a porta
Kaurno whaiteis	Hwaetene corn	A corn of whete	A kernel of wheat	Um grão de trigo
Wheitos swe snaiws	Swa hwite swa snaw	As whijt as snowe	As White as snow	Branco como a neve

Período do inglês médio (1066-1500)

O inglês falado deixou de ser usado entre a realeza britânica nos primeiros duzentos anos após a vitória normanda em Hastings, em 1066. Os invasores declararam o francês normando a língua oficial da Inglaterra, terminando formalmente com o período do inglês anglo-saxão e introduzindo o do inglês médio. A aristocracia francesa governante reprimiu a língua anglo-saxônica, e o domínio da língua francesa atrasou a tão esperada tradução da Bíblia para o inglês.

Durante esse período de duzentos anos, a língua anglo-saxônica assimilou influências francesas e, no fim, evoluiu para a língua anglo-normanda ou inglês médio. Os falantes franceses de Paris menosprezavam o subfrancês falado na Inglaterra. Mas a história da língua inglesa não terminaria por um capricho do governo francês nem pela assimilação cultural. Com o correr das décadas, a escrita primitiva do inglês antigo resistiu à invasão francesa normanda.¹¹

A primeira Bíblia inglesa ainda não tinha aparecido, mas o povo inglês recebia instrução religiosa em liturgia, letras de músicas, peças de teatro e poemas anglo-saxônicos.¹² Muitas dessas peças teatrais foram absorvidas na cultura nacional ao longo do processo de desenvolvimento da língua inglesa.¹³ Não obstante, as pessoas comuns não podiam usar uma Bíblia in-

his hondis lberen list up- he
diesid hem/ and it was don
ye while he dlesid hem: he de
parid fro hem- i was docti
to heuene: ye isold schynid-
i lberen asen in to irden. lber
greet lope: and lberen eimre
in ye temple- heringe 3
dlesing god//

**Here bigynney ye wo
log: on ye gospel of 100**

His is 1000 euā
gelist oon of ye
discipulis of ye
lord- ye ischid
has a virgyn cho
sun of god/ ishoum god clep
fro ye spocelis- ishanie
he isold ve lberid. i double
lberid of virginitie is zoniū
to hym: in ye gospel: in yis
pat he is tend loued of god bi
foue ope discipulis / 3 god hon
gynge in ye croos- bitoch his
morbri in heping to hym: y
a virgyn schuld kepe a vir
gyn yis 1000 in ye gospel
bigynney aloune ye lberid of
vncorruptible word: 3 lber
nessy pat ye kyndel soue
of god is maad man: 3 pat
ye ltr was not trahid of dech
nelis: he schelmy ye fiste
myracle: ischid god dide at
ye lbeddyngis: to schelwe lber
re ye lord is pped to ye freite:

ye lberid of ye lbeddyngis oib
to faile/ pat ishanie eld yi
gis deu chesid: alle uelae
yngis pat heu odynd of
crist- apere/ 1000 lberoot yis
gospel in alye: aftar pat he
haddc lberid ye apocalypis
in ye ile of patmos/ uepe
les he root ye gospel aftar
alle ye gospelens: pat also
an vncorruptible ende in a
virgyn in ye apocalypis: to hy:
to ishoum an vncorruptible
bigynney is zoniū in gene
sis in ye bigynnyng of hooli
scripture: for crist in ye apo
calypis: y an ye bigynnyng-
3 ye ende: z yis 1000 is he. y
kyndel- pat ye dai of his de
parhyng isas comū. and he
clepde tuncid hie discipulis in
effraie: schelid crist bi ma
ny byngis of myracles- and
zede dūū in to a bishpū plac
of his burynge: and ishanie
he haddc maad pter- 3 isas
myt to his endis: and isas
myche lber ont fouelce of dey:
hōm medy 3 is soumbri cle
ne fro corrupcion of fleisch:
3 zoniū in his plogis on 10
00: lery al yis /

**Here endy ye wlog:
3 nois bigynney ye
gospel of 1000 //**

Hye bigynnyng isas ye
word 3 ye word was at
god- and god was ye lberd
ye is was in ye bigynnyng
at god: alle yngis lbercen
maad in hym: 3 lber ont
hōm was maad no yngis
pat yng pat was maad in
hōm: isas hie and yehf lber
ye ltr of men 3 ye ltr schy
stet fro god: to ishoum ye name
isas 1000 yis man cam in to
lberestschyng: pat he schulde
bere lberestschyng of ye ltr:
pat alle men schuld vberce
in hym: he was not ye ltr-
but alle men schuld vberce
nedyng of ye ltr: he was a
y ltr: ischid lberney eche
man: pat comey i to yis wo
rd: he was in ye lberid- and
ye lberid was maad in hie: 3
ye isold knels hym not: he
cam in to his oibne yngis:
and hie restyede hym not
but hōm was en restyede
den hym: he pat to hem job
er: to be maad ye soues of
god: to hem pat vbered in
his name: ye ischid not of
bloodis: ney of ye ille of fle
sch: ney of ye ille of man:
but deu doon of god: and ye
word isas maad man: and
dibeldid a monog- vs: lberetū
lery ye gloue of hym: as ye

gloue of ye oon bigretū soue:
of ye fadyr: ful of grace: 3 of
trewe / 1000 deyr lberid
fyng of hym: and a lery lery:
yis is ishoum y lberde: he pat
schal come aftar me: is maad
in foue mo: for he lber tofo: me.
and of ye pleite of hym: lber
alle man trahid: and grace for
grace: for ye lalbe lber zoniū
in moites: but grare 3 treu
ye is maad in ihu crist: mo mā
fay ele god: but ye oon bigre
tū foue pat is in ye vobūm
of yre fadyr: he hay teld out: //
z hie yis is ye lberestschyng
of 1000 ishanie vberis sen
ten fouerthū pās 3 dbeues
to hym: pat ye schuld vberce
to hym: lber pat ye lberid
schid: 3 deyrde not: and he
knowlchid: for y an not
crist: 3 ye biden hym: lber
yame: aftar you ehe: 3 he
lberde: y an not: aftar you a
profete: i he aufberde: ma
yer for: ye lberden to hie: lber
art you: pat he zyne an auf
lber: to ye pat lertea vs:
wher lert you of in sal: 3 he
lberde: y an a word of a crer
in detye: halle 3e ye lberce
of ye lord: as pte ye pte
lberde: and ye pat lberde lert:
lberden of ye fadyr: 3 ye
biden hym: lert to hym:
lber pte vaphat you: if
you art not crist: neyrn crist:

glesa como sua profissão de fé. A vida religiosa
delas dependia das peças medievais populares,
da transmissão oral das histórias bíblicas, das
Bíblia em latim e em francês (usadas principal-
mente pela aristocracia) e da instrução transmitida pelo clero.

Só no final do século XII, o inglês médio genuíno e distinguível
surgiu na forma escrita como sermões e traduções de pequenos trechos
dos Evangelhos. Homens e mulheres seguiam adiante em sua busca por
crescimento espiritual na fé, sedentos para interagir com as Escrituras e,
o mais importante, declará-las como sua.

Durante essa época, a sede por orientação espiritual, centrada na
importância do livro de Salmos, promoveu ainda mais o desenvolvi-
mento do inglês como língua escrita. Nos séculos XIII e XIV, apa-
receram duas traduções anglo-normandas influentes do saltério.
William de Shoreham e Richard Rolle, ambos traduzidos a partir da
Vulgata, produziram saltérios. O elaborado comentário de Rolle per-
maneceu como referência por mais de um século. Sua obra não só

O inglês médio está represen-
tado nesse fac-símile do Novo
Testamento de Wycliffe do final
do século XIV.

influenciou John Wycliffe, no século XIV, como também seu comentário continuou a ser impresso nos primórdios do período da prensa no século XV.

Uma língua inglesa genuína foi gradualmente substituindo a anglo-normanda. No século XV, o rápido crescimento do nacionalismo inglês acompanhou o desenvolvimento de uma língua inglesa única. Alister McGrath observa: “No ponto em que antes a Bíblia inglesa era ridicularizada por ser tosca e potencialmente herética, agora, ela é vista como um símbolo de orgulho nacional com posição internacional”.¹⁴

Cresce a inquietação na igreja

Em meio a esse período de crescimento literário, a igreja enfrentava conflito interno. A laicidade, descontente com as reivindicações da Igreja de Roma, recusou-se a aceitar a igreja como suprema. As tentativas da França e da Inglaterra de unirem-se no apoio aos papas Urbano e Clemente tinham levado o respeito pela igreja ao ponto mais baixo de todos os tempos. A Inglaterra, em uma era imortalizada por Chaucer, estava cada vez mais ansiosa por ter as Escrituras em sua própria língua.

Em resposta a isso, a igreja tentou reforçar a regra de que apenas o clero podia possuir e ler as Escrituras — mas a leitura não seria em inglês. Se as pessoas leigas e simples quisessem saber o que as Escrituras diziam, elas podiam observar as pinturas dos vitrais das janelas. O clero não só impedia os leigos de ler as Escrituras, mas também proibia que cópias do texto sagrado fossem disponibilizadas no vernáculo ou por um preço acessível.

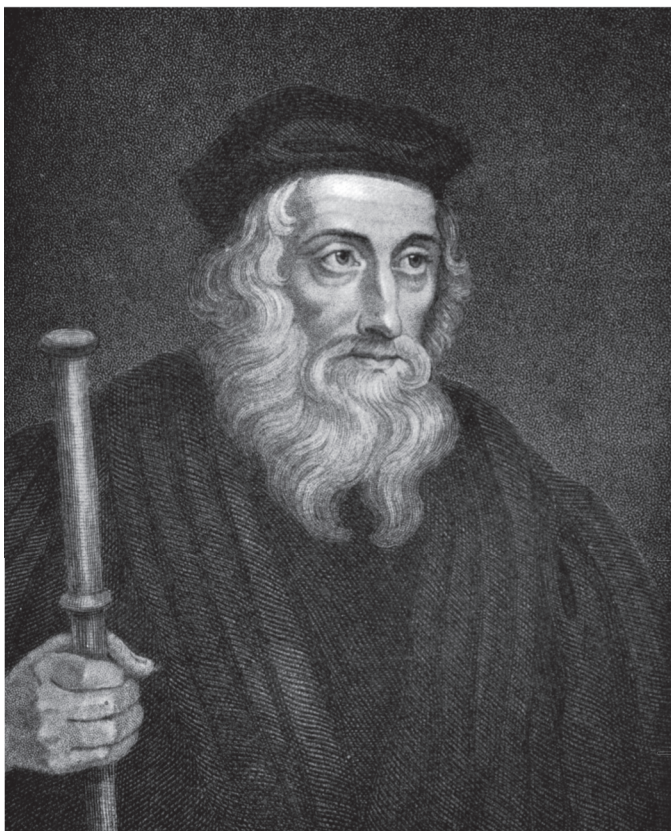
John Wycliffe (1320-84): a estrela da manhã da Reforma

Para os amantes da Bíblia do mundo todo, talvez seja surpreendente saber que até o século XIV não havia uma Bíblia completa em inglês. O clero modestamente instruído só estudava cópias grandes e desajeitadas da Bíblia latina, as autorizadas pela igreja. O preço exorbitante e a

escassez de cópias tornavam a leitura e o estudo da Bíblia quase impossíveis. O clero só podia esperar pôr a mão em porções das Escrituras e, na maior parte, dependia muito de seu livro de oração para conseguir desenvolvimento espiritual. O uso dessas porções fragmentadas do texto bíblico tornava impossível o entendimento do fluxo, do contexto e do sentido originalmente pretendido para as Escrituras. O estado desses assuntos, indubitavelmente, contribuiu para o padrão ruim de interpretação bíblica e o uso equivocado de frases e palavras fora de contexto. Como resultado, a igreja medieval logo sucumbiu a doutrinas estranhas e grotescas.

No entanto, a primeira Bíblia completa em inglês foi uma tradução literal da versão latina Vulgata, provavelmente, a produzida por John Wycliffe, conhecido como “a estrela da manhã da Reforma”.¹⁵ Wycliffe nasceu em 1320 na pequena vila de Wycliffe-on-Tees, no

norte da Inglaterra. Ele frequentou a Faculdade Balliol, em Oxford, e recebeu o título de Doutor em Teologia, em 1372-73. Depois, ele tornou-se diretor do Canterbury Hall. Algumas das traduções de Wycliffe são tão literais que é difícil entender sem usar um dicionário de la-



O retrato de John Wycliffe tirado de uma pintura feita por H. Cook. Credita-se a Wycliffe a tradução da primeira Bíblia completa na língua inglesa. **Foto: Emily Sarah Holt, John de Wycliffe (c. 1900), 38.**

tim. Embora poucos estudiosos da Europa medieval tenham estudado o grego, eles usavam o latim como a principal língua de estudo e instrução, portanto era natural traduzir as Escrituras da Bíblia latina.¹⁶ O ensino difundido do grego e do hebraico ainda não alcançara a Inglaterra, e Wycliffe não conhecia nenhuma dessas línguas, mas acreditava que uma Bíblia na língua do povo ajudaria a equilibrar a autoridade abusiva da igreja estabelecida. Não muito depois de sua tradução, um tanto desajeitada e estranha, para o inglês, em 1382, um dos associados de Wycliffe começou uma revisão, em 1388.

A fé, com frequência, leva à ação política, quer o indivíduo viva no século XIV quer no século XXI. John Wycliffe estava totalmente consciente do clima religioso e político inquieto em seu mundo, mas sua vida era compelida pela paixão de que as Escrituras fossem a principal regra da vida. A igreja exercia grande poder sobre as pessoas que a frequentavam e as governava por meio do medo da excomunhão e do horror do purgatório, mas era a fé de Wycliffe que estava em contraste com o pensamento popular entre as autoridades religiosas que estavam acima dele. Ele acreditava que a leitura da Bíblia com o entendimento de seus preceitos e a obediência a eles impedia a adoração de palavras como oráculos de Deus.

John Wycliffe ousou tomar posição contra a igreja estabelecida e começou a pregar a doutrina da autoridade da Escritura contra os muitos abusos de poder cometidos pela igreja.¹⁷ Ele ficou firme na convicção de que a Bíblia é a única autoridade para a fé e a prática. Assim, ele raciocinou que a Bíblia devia estar na mão das pessoas que são individualmente responsáveis diante de Deus. Ele declarou que a Bíblia tinha de ser escrita na língua das pessoas comuns para que elas pudessem apreender o ensino claro das Escrituras.

Wycliffe insistiu que a tradução para outras línguas que não o latim não afetaria negativamente o sentido da Bíblia. Sua convicção foi expressa em um sermão que fez em latim em um manuscrito de Oxford que diz:

Embora as expressões comuns possam mudar com o tempo, os verdadeiros princípios que são enunciados no Evangelho são o mesmo em número. Da mesma forma, as Escrituras devem ser escritas e faladas em latim, em grego, em galês, em inglês e também em todas as outras línguas. Mas as Escrituras devem ser especialmente escritas em inglês porque uma tradução não tem de ser verdade para o idioma, mas, antes, tem de apoiar-se na perfeição da verdade confirmando as verdades de Deus.¹⁸

A Bíblia de Wycliffe

Hoje, existem apenas 250 cópias da Bíblia de Wycliffe, e cada uma é diferente da outra. Isso não é de surpreender uma vez que cada uma foi copiada a mão de diferentes manuscritos por um monge usando letra cursiva e pó-de-sapato.* Os estudiosos do século XIX identificaram, pelo menos, dois grupos distintos de manuscritos conhecidos como Primeira Versão (PV) e a Última Versão (UV). O estudo acadêmico recente encontra variações até mesmo nesses dois grupos.

É provável que a primeira versão da Bíblia de Wycliffe tenha sido concluída por volta de 1382, e a última versão seja de 1388 ou posterior, talvez de 1395. A primeira versão segue a ordem das palavras em latim, enquanto a última versão usa expressões idiomáticas.

Muitas das diferenças nos manuscritos são resultado da cópia feita em uma atmosfera de perseguição que obrigava o segredo. Os escribas, com frequência, corriam para completar os manuscritos dando pouca atenção à exatidão e, muitas vezes, confiando em qualquer manuscrito ao qual pudessem ter acesso rápido. A despeito da pressão de tempos perigosos, muitas das cópias eram lindamente adornadas, muitas vezes por ilustradores profissionais. Mesmo depois da Constituição de Oxford,¹⁹ de 1408, que proibia a leitura ou a produção de traduções da Bíblia em inglês a menos

* [NT] pó de cor escura, proveniente da fuligem ou da combustão, us. em substâncias diversas e que entra na composição da graxa; negro-de-fumo (Dicionário Houaiss).

Trouans.

in þo þingis in whichē ze sturuen now: for
þe ceude of hem is deop / but now ze deliuerid
fro synne & maid g'uantis to god: þan zoure
fruyt in to holynesse / & ze ende en lastinge
lyf / for þe magis of synne is deop / þe g'te of
god: is enī lastung lyf in crist w'it oure

Briperen w'he ze knolþe **flad** / **w'it**
not: for I speke to men þat knolþe
þe lawe / for þe lawe hap lordship in
man: as longe tyme as it lyncē / for þat wo-
man þat is w'it an huseboud: is boonde
to þe lawe w'ile þe huseboud lyncē / but
if here huseboud is deed: she is deliuerid
fro þe lawe of þe huseboud. **f**or she shal be
clepid auoutresse: if she be w'it anoy man w'ile
þe huseboud lyncē / but if he huseboud be deed:
she is deliuerid fro þe lawe of þe huseboud / þat
she be not auoutresse: if she be w'it anoy man /
& so w'it bryden ze ben maid deed to þe lawe bi þe
bodi of crist: þat ze ben of anoy þat roos azen fo-
deop þat ze bere fruit to god. **f**or w'ile we
weren in fleisch: passiois of synnes þat were
bi þe lawe wrouten in oure meibis to bere fruit
to deop / but now we be v'ibonde fro þe l'ipe of
deop: in which we were holden / so þat we ser-
uen in newnesse of spirit: & not in oldnesse of
letare & w'it þat sturuen we eric: þe lawe is
synne: god for beo: but I knolþe not synne: but bi
lawe / for I w'ite not þat conuertinge was synne

A folha original de uma Bíblia de Wycliffe manuscrita do início do século XV.

que fosse aprovada pelas autoridades da diocese, muitas cópias da Bíblia de Wycliffe apareceram. Hoje, pode-se atribuir o extraordinário número de cópias existentes da Bíblia de Wycliffe ao pergaminho durável, resistente ao fogo e à prova d'água e ao grande número de cópias produzidas à mão.

“Aqui não ensinamos latim”

Fiz uma pausa para, antes de entrar, dar uma longa olhada na impressionante porta da biblioteca Bodley. Naqueles poucos momentos, absorvi a magnificência da arquitetura e imaginei John Wycliffe em uma beca acadêmica comprida, com um “barrete Tudor” na cabeça e com um monte de livros enfiados embaixo do braço ao entrar naqueles grandes corredores de aprendizado. Levei quase um ano para conseguir uma autorização da biblioteca Bodley para publicar uma cópia exata de um manuscrito de Wycliffe. Estava preparado para fazer uma investigação de várias cópias desses manuscritos. De alguma maneira, sentia-me indigno de entrar no santuário onde esses manuscritos estavam guardados, mas a boa vontade dos bibliotecários acalmaram meus nervos e me auxiliaram a iniciar a tarefa que tinha à mão.

Uma vez que nunca foi feito um fac-símile exato ou uma reprodução acurada de um manuscrito de Wycliffe, senti que era um projeto digno para me recolocar na coleção de Bíblias — o passatempo de que tanto gosto. Depois de ver quase todos os manuscritos da biblioteca, escolhi um manuscrito do Novo Testamento, Rawlinson C259, por causa do tamanho pequeno e de seu uso potencial pela laicidade do século XIV. Contratei um impressor londrino familiarizado com a biblioteca Bodley para fotografar o manuscrito. O impressor concordou em manter 2.000 cópias no seu estabelecimento na Inglaterra, e eu podia pagar pela estocagem e frete quando as vendesse.

Alguns meses depois, o projeto estava concluído, recebi uma carta informando que o impressor tinha falido, e que eu tinha um mês para recolher as cópias, senão toda a encomenda seria vendida em leilão. Limpei a conta bancária e mandei o dinheiro para o impressor. Um mês depois, a encomenda apareceu nas docas de Portland com impostos aduaneiros a serem pagos. Agora, à mercê da demanda do mercado e sem uma casa pública de leilão, como o eBay, aumentei na mesma hora minha lista em potencial e enviei brochuras para pequenas bibliotecas a fim de conseguir vender rápido minhas Wycliffes.

Recebi uma resposta imediata de uma professora de inglês do Alabama que, entusiasticamente, encomendou uma cópia para sua escola, enviei-lhe a cópia pelo correio na esperança de receber um cheque pelo correio. Para minha surpresa, quando abri a correspondência que voltou, encontrei a cópia do fac-símile de Wycliffe junto com uma surpreendente explicação.

“Estou devolvendo sua Bíblia porque não ensinamos latim aqui.”

Latim? Aparentemente, a escrita arcaica e as letras antigas tinham levado essa professora do século XX a acreditar que, em vez de receber uma cópia da Bíblia produzida em inglês médio, ela comprara um texto em latim.

A primeira Bíblia de Wycliffe (1382)

Um mistério cerca os tradutores da primeira versão. A identidade deles é um tanto incerta, mas acredita-se que Nicholas de Hereford colaborou com Wycliffe, provavelmente com a ajuda de John Purvey e de John Trevisa. Pelo menos, três manuscritos da primeira versão fornecem várias informações de tradução. O manuscrito Bodley 959, guardado na biblioteca Bodley, em Oxford, é um manuscrito grande com muitas correções e alterações e que, anteriormente, acreditava-se que era o original autografado do Antigo Testamento de Wycliffe. O manuscrito inclui o livro de Baruque, do Antigo Testamento, entre os livros proféticos.²⁰ Baruque 3.20 termina abruptamente no fim da página: “*ye place hem / risen / ye (the) yunge*” [Outros mais jovens viram a luz e habitaram sobre a terra, TEB]. Uma nota enigmática segue o versículo 20: “Aqui termina a tradução de Nicholas”.

O manuscrito Douce 369 da biblioteca Bodley, outra primeira versão, também termina abruptamente no mesmo trecho desse texto, mas um quarto de página adiante e na segunda coluna da página. Essa passagem tem um fim abrupto semelhante: “*Explicist translacom Nicholay de herford*” [“Aqui termina a tradução de Nicholas de Hereford”]. É muito provável que Nicholas de Hereford tenha traduzido essa porção do Antigo Testamento, e os lollardistas, sem dúvida, estavam envolvidos na tradução do resto da Bíblia.

Dos primeiros manuscritos, o terceiro, MS Ee.10, guardado na biblioteca da Universidade de Cambridge, termina exatamente na mesma passagem de Baruque e registra: “Aqui termina a tradução de N e, agora, começa a tradução de J & e de outros homens”. Talvez o “N” refira-se a Nicholas de Hereford, mas o “J” é um problema. A letra pode referir-se a John Wycliffe, John Trevisa ou John Purvey, secretário de Wycliffe em Lutterworth, onde Wycliffe fora pastor. Purvey foi educado em Oxford, ordenado e, muito provavelmente, era Doutor em Teologia. Seus contemporâneos o consideravam um estudioso erudito.

A primeira menção à ligação de Wycliffe com a tradução da Bíblia é a referência feita por Henry Knighton em sua obra *Chronicon*. Knighton, escrevendo na década de 1390, refere-se a 1382 como o período em que John Wycliffe traduziu os Evangelhos. O nome de John Wycliffe ficou para sempre ligado a esse trabalho de traduzir a obra conhecida como Bíblia de Wycliffe.

A última Bíblia de Wycliffe (1388-95)

John Purvey, o associado mais fiel de Wycliffe, trabalhou desde a primeira versão para traduzir a Bíblia de Wycliffe revisada. Muitos estudiosos referem-se a ele como “o bibliotecário de Lollard”, declarando sua erudição e acesso aos recursos necessários para traduzir e escrever. Durante muitos anos, foi aceito que Purvey escrevesse o prólogo geral que introduz essa última versão da Bíblia de Wycliffe, mas os estudiosos modernos debatem essa autoria. O prólogo contém quinze capítulos encorajando príncipes, lordes, juízes e plebeus a ler a Lei de Deus; além disso, ele inclui princípios para a interpretação e métodos para a tradução.

Wycliffe despertou o desejo latente do fiel para ler e estudar a Bíblia. Sua tradução de 1382 e a versão revisada criaram uma sede que levou ao desejo insaciável por traduções da Bíblia que culminou na era de ouro do século XVI. Wycliffe morreu de causas naturais, em 1384, mas a controvérsia não acabou com o enterro dele. Em 1428, quase cinquenta anos depois, o Concílio de Constança, sob o comando do papa Martinho V, declarou Wycliffe um “herético teimoso”. As autoridades da igreja ordenaram que os ossos dele fossem exumados, queimados e as cinzas, jogadas no rio Swift.

A Bíblia de Wycliffe em inglês foi tão eficaz que a igreja fez uma declaração específica para impedir que fossem feitas mais traduções da Bíblia para o inglês. O Concílio de Oxford convocado, em 1407-8, por Thomas Arundel, arcebispo da Cantuária, fez uma restrição direta às traduções para o inglês. John Foxe, historiador da igreja, cita o 17º decreto:

Portanto, decretamos e ordenamos que, de agora em diante, nenhum homem, por sua própria autoridade, traduza qualquer texto das Escrituras para o inglês nem para qualquer outra língua, na forma de livro, de panfleto ou de tratado, apresentada recentemente na época de John Wycliffe, ou desde então, ou no futuro, em parte e no todo, secreta ou publicamente, sob pena de excomunhão, até a dita tradução seja aprovada pelo superior eclesiástico do lugar ou, se o caso assim exigir, pelo conselho provincial. Quem desobedecer a esse decreto será punido como incentivador de erro e heresia.²¹

Mas nem todos os decretos nem todas as ameaças políticas podiam saciar a fome que incitava o coração de homens como John Wycliffe para produzir uma Bíblia que fosse acessível a todos os homens e mulheres. Mesmo após sua morte, a paixão de Wycliffe de que todas as pessoas tivessem acesso à Bíblia acalentou o coração de uma nova geração.

Período do inglês moderno (1500 até hoje)

Durante o período do inglês moderno, fatores econômicos e sociais influenciaram o progresso do inglês. A inquietação social na Europa Ocidental trouxe uma mudança na riqueza e no poder econômico do sistema feudal e da estrutura social tradicionais que governavam poucas famílias de uma classe média florescente. O recém-descoberto interesse pela literatura entre os agricultores comuns e o aumento da riqueza e do poder deles levou ao surgimento de empreendedores que deram início ao comércio local e no estrangeiro.

As línguas da aristocracia e da igreja — francês parisiense e latim — perderam o favoritismo quando a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), entre ingleses e franceses, posicionou o francês como a língua dos inimigos da Inglaterra, e o inglês como a língua do povo e dos instruídos. O Renascimento provocou uma rápida curva ascendente no aprendizado, aumentando a popularidade das palavras, da leitura e da comunicação de ideias. E o buscar a fonte para a leitura e para o estudo tornou-se o livro mais popular da sociedade: a Bíblia em inglês.

No século XVI, graças aos esforços do projeto do ourives Johann Gutenberg, na Alemanha (Bíblia de Gutenberg impressa em 1454-56), a prensa impactou toda a Inglaterra. Gutenberg, conhecido como o homem do milênio, popularizou a produção em massa de livros na prensa e o desenvolvimento do tipo móvel. O mundo ocidental estava pronto para ter palavras impressas em inglês. A prensa de Gutenberg preparou o caminho para William Caxton (1422-91) imprimir o primeiro livro em inglês: uma edição de *Os contos da Cantuária* (1476). E Caxton logo descobriu que os ingleses estavam ansiosos para ser cultos e tinham apetite por livros em inglês.

A história para ter a Bíblia na linguagem das pessoas comuns — um drama épico retratado em meu livro *A Visual History of the English Bible*:



Esta Bíblia da King James, de 1611, é um dos maiores tesouros da literatura da Inglaterra.
Foto: R. Maisel

O livro proibido no século XX

O jovem pai e estudante de seminário, quase sem ar graças à enorme empolgação, encomendou cinco Bíblias em amárico, escrita na língua semítica oficial e mais falada na Etiópia.

“Por que você quer cinco Bíblias?,” perguntei. Era um número incomum, e o homem não parecia ter recursos para ter muitos livros. Tentei reprimir minha curiosidade, mas alguma coisa no rosto dele me intrigava. (Administrava a livraria e ensinava Bíblia e Teologia no Grace Bible Institute, em Jimma, Etiópia, como missionário no interior do Sudão.) “Você só pode ler uma de cada vez, e elas levarão muito tempo.”

“Sabemos que quando o governo assumir o controle da região, eles vão pegar todas as Bíblias e as destruirão. Vou enterrar uma cópia para cada um de meus filhos em um saco plástico em um lugar secreto em cima da montanha que tem atrás da minha casa. Quando for seguro desenterrá-las, cada um dos nossos filhos terá sua própria cópia para ler.”

Esforcei-me para segurar as lágrimas enquanto me transmitia seu plano.

Apenas poucos dias antes, os comunistas tinham assumido o país, e o futuro dos cristãos estava terrivelmente incerto. À medida que nos preparávamos para deixar o país por Adis Abeba, antes de o novo regime assumir o poder, a notícia da liquidação na nossa livraria já tinha chegado aos arredores da província. O grupo comunista local já tinha ido a nossa casa à procura de armas, vasculharam nossos pertences e confiscaram vários itens da área da missão. Já era visível a perseguição aos cristãos em diversas províncias na parte de baixo do país.

Fiquei sensibilizado com a determinação e providência desse pai e desejei-lhe boa sorte. Ele, com as valiosas Bíblias na mão, saiu para deixar um legado para os filhos. Uma Bíblia por vez, um buraco por vez, cavado pelas mãos do pai.

A história do livro proibido não é um fenômeno exclusivo da Idade Média. É um testemunho verdadeiro e vivo da sede mundial pela Palavra de Deus através de culturas e gerações — sede essa que, séculos atrás, foi uma força propulsora na alma de homens e mulheres; e é uma sede que, nos dias modernos, guiará a alma a buscar, a sacrificar e a cavar até o fim das eras.

The Tumultuous Tale of the World's Bestselling Book (Baker, 2008) — é banhada em sangue, com a morte de mártires. Aqueles da igreja que abrigavam interesses sinistros opunham-se à tradução da Bíblia para o inglês. Na reunião do conselho provincial na Igreja de St. Paul, em Londres, em 1407, o arcebispo da Cantuária, Thomas Arundel, adotou a proibição não só da tradução de qualquer porção da Bíblia para o inglês, mas também da leitura pública ou privada das Escrituras, sob pena de excomunhão ou punição por heresia. O sentimento da igreja de bloquear o acesso das pessoas comuns à Bíblia não podia ser mais claro.

Foi só quando Henrique VIII patrocinou uma língua inglesa nacional e a Grande Bíblia em inglês que, finalmente, os efeitos da Constituição foram invalidados.²² O mundo de fala inglesa estava pronto para receber uma Bíblia que modelaria a língua inglesa de todos os tempos.

No século XVI, o endosso de uma língua inglesa autorizada, durante as monarquias de Henrique VIII até Elizabeth I, estabeleceu o palco para a extensa obra de tradução da Bíblia durante essa era, culminando em obras, como a Bíblia dos Bispos (1568), a Bíblia de Coverdale (1535), a Bíblia de Douay-Rheims (ou sua forma alternativa de escrita, Rhemes) (1582-1610), a Bíblia de Genebra (1560), a Grande Bíblia (1539), a Bíblia de Matthew (1537) e o Novo Testamento de Tyndale e porções do Antigo Testamento (1526-34). Os monarcas desse período estimularam o desenvolvimento de uma língua que gerou o maior período literário inglês de todos os tempos, que produziu não só uma herança de grandes traduções da Bíblia, mas também as obras de William Shakespeare e John Donne.

A BÍBLIA KING JAMES

UMA BREVE HISTÓRIA DE TYNDALE ATÉ HOJE



A Bíblia King James – Uma Breve História de Tyndale até Hoje parte de uma análise histórica ao falar das origens da BKJ, da erudição dos tradutores, da pesquisa no diário e biblioteca pessoal de um dos tradutores dessa tão importante obra.

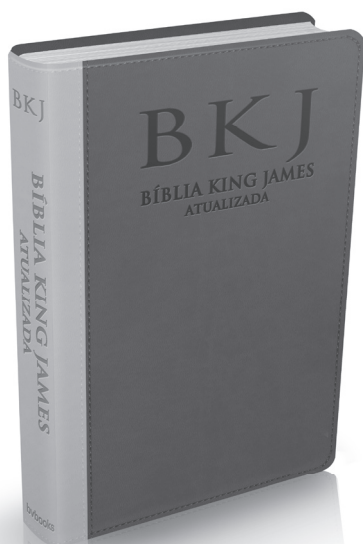
David Norton examina toda a riqueza de detalhes presentes na página inicial da primeira edição de 1611, desde o título até a sua expressão e estrutura textual. Além disso, aponta que a fórmula que compõe, de forma geral, a riqueza dessa obra é sua linguagem e a maneira que as ideias foram transmitidas em inglês.

Por que *de Tyndale até Hoje*? Segundo o autor, a Bíblia de Tyndale foi a primeira tradução inglesa a partir dos originais grego e hebraico, contribuindo posteriormente para formação da BKJ.

Então, quem foi Tyndale? O que ele pretendia? Por que ele foi considerado um mártir? Essas perguntas são respondidas quando Tyndale diz a um importante clérigo:

“Se Deus poupar minha vida aqui por muitos anos, farei o menino que guia o arado saber mais das Escrituras do que você sabe”.

BKJ - BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA



Desde o século 19 até o presente momento, grandes avanços ocorreram e novas descobertas surgiram em relação ao texto bíblico. A *Bíblia King James Atualizada* propõe a correção de algumas discrepâncias e erros textuais apresentados nas mais reconhecidas e lidas traduções do mundo contemporâneo.

Conheça a BKJ Atualizada e entenda por que este livro mudou o mundo. Tenha em suas mãos esta linda, rica e completa versão das Escrituras Sagradas.

“Nada mais estratégico para o Reino de Deus do que facilitar a chegada das Escrituras às mãos de cada pessoa em todo o mundo. Em cumprimento a esse mandato e sonho, recebemos com profunda alegria os exemplares da Bíblia King James Atualizada em nosso idioma! Uma preciosa ferramenta, aguardada há muitos anos por todos os cristãos de língua portuguesa.”

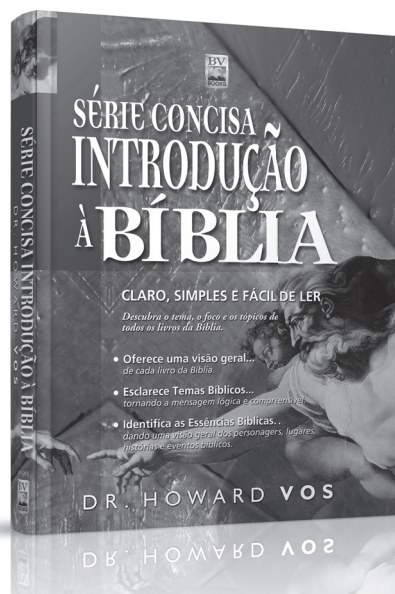
Rev. Oswaldo Prado

Diretor da *SEPAL BRASIL SUL*, pastor, missionário, escritor e conferencista

bvbooks

WWW.BVFILMS.COM.BR ♦ (21) 2127-2600

SÉRIE CONCISA - INTRODUÇÃO À BÍBLIA



A maioria das pessoas tem muito interesse nas respostas para as grandes perguntas da vida. De onde viemos? Por que estamos aqui? Qual é a natureza da humanidade? Por que passamos por situações difíceis? Qual é o nosso futuro?

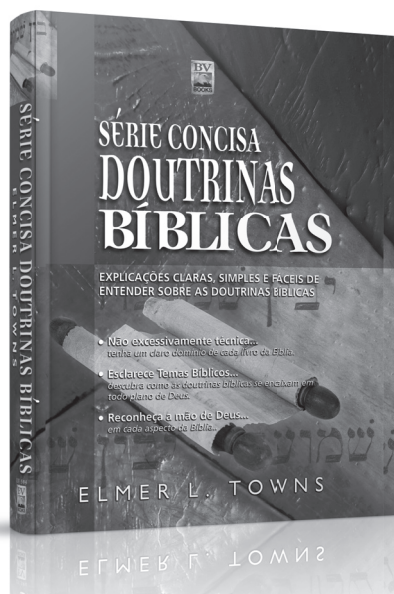
Lemos avidamente todo tipo de literatura sobre o começo da humanidade, o psicológico do ser humano, o presente estado dos assuntos humanos e seu destino. Consideramos qualquer obra literária que fale desses assuntos como sendo relevante e atual.

A Bíblia Sagrada é preeminente entre toda literatura a respeito das grandes questões da vida. Ela não só reporta opiniões, mas também contém ideias divinas sobre todos os problemas da vida. Visto deste prisma, a Bíblia não é um livro somente para os interessados em assuntos antigos ou para os que têm uma pequena tendência nostálgica; ela tem uma relevância vital e contemporânea.

bvbooks

WWW.BVFILMS.COM.BR ♦ (21) 2127-2600

SÉRIE CONCISA - DOCTRINAS BÍBLICAS



A *Série Concisa - Doutrinas Bíblicas* foi escrita para todos. Trata-se de uma obra rica e esclarecedora sem ser demasiadamente técnica e subjetiva. A proposta de Elmer L. Towns é simplificar e tornar acessível textos sofisticados e obscuros ao público em geral.

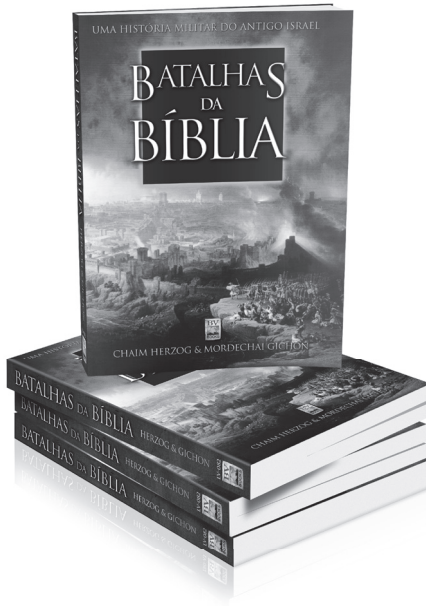
Entender sobre as Doutrinas Bíblicas significa aproximar-se do Criador para conhecê-Lo mais intimamente. A fundamentação da fé cristã nas Escrituras foi um dos fatores que auxiliou a Igreja do Novo Testamento por séculos para anunciar o Evangelho de Cristo.

A leitura da *Série Concisa - Doutrinas Bíblicas* é envolvente e prática para qualquer pessoa que deseja aplicá-la no dia a dia.

bvbooks

WWW.BVFILMS.COM.BR ♦ (21) 2127-2600

BATALHAS DA BÍBLIA



Narrada em detalhes, *Batalhas da Bíblia* descreve sobre o militarismo desde a invasão de Canaã pelos israelitas, sob o comando de Josué, até a conquista do reino por Davi e Salomão, entre outros acontecimentos. Tais batalhas são fundamentais para o entendimento do que aconteceu nessa época, quando a luta por independência e sobrevivência ofuscava todos os outros aspectos da vida diária.

Este livro é uma obra fascinante e valiosa pela sua análise detalhada dos relatos bíblicos e percepção da ampla e contínua relevância das pesquisas históricas e arqueológicas atuais.

Batalhas da Bíblia é, sem dúvida, um instrumento fundamental para a compreensão do conflito milenar que subsiste na Terra Santa e para o entendimento das origens da nossa civilização.

bvbooks

WWW.BVFILMS.COM.BR ♦ (21) 2127-2600

“Essa excelente história da Bíblia King James junta fatos, pano de fundo histórico, fotos maravilhosas e experiências pessoais. Com certeza, ela aumentará seu apreço pela Bíblia inglesa.”

Charles C. Ryrie, editor da Ryrie Study Bible

“Nunca antes na história, tantas pessoas tiveram interesse pela Bíblia. Algumas anseiam por sua verdade; outras tentam depreciar sua mensagem. Donald Brake, de forma brilhante, esclarece, com simplicidade e realidade pictórica, o que para muitos é um livro empoeirado e desatualizado. Eis uma obra-prima criativa de um estudioso respeitável confirmando a Palavra de Deus para todos os seres humanos. Este livro, de leitura agradável, é um excelente e autêntico enriquecimento para toda biblioteca cristã.”

Howard G. Hendricks, destacado professor emérito de educação e liderança cristãs, Dallas Theological Seminary

“Todo cristão de fala inglesa — na verdade, todo falante cuja língua nativa é o inglês — deveria ter uma Bíblia King James. Ela é o maior monumento à língua inglesa — e foi feita por um comitê! Ela compacta nossa história, herança, cultura, arte e língua de formas que, até então, não foram descritas em um único volume. A história da Versão King James está associada à Reforma e à luta para conseguir levar a Palavra de Deus para os leigos. Ela é a tradução da Bíblia mais importante produzida no último milênio. Isso não quer dizer que a Bíblia King James seja a única tradução que deve ser lida nem que seja a melhor. Mas Donald Brake mostra através de pesquisa meticulosa, estilo cativante, tom tranquilo e fotografias excelentes que essa tradução merece um lugar em nossa biblioteca e em nosso coração. O Dr. Brake foi o homem certo para escrever este livro, como as muitas ilustrações e narrativas mostrarão. Essa é sua paixão e sua vida. Recomendo *Uma História Visual da Bíblia King James* para todo cristão de fala inglesa, pois aqui você descobrirá uma parte da rica tapeçaria da fé cristã na qual você se encontra hoje.”

Daniel B. Wallace, diretor executivo do The Center for the Study of New Testament Manuscripts

“No 400º aniversário da tradução da mais famosa Bíblia em inglês, Donald Brake escreve um relato envolvente da história da Bíblia King James. Os relatos de Brake sobre o processo de tradução, o fundamento textual da tradução, a impressão do século XVII e as técnicas de desenho são todos entremeados com suas histórias pessoais, como colecionador de Bíblias raras. As fotografias de muitos dos volumes raros da coleção de Brake, agora no Museu da Bíblia de Dunham, enchem as páginas deste livro belamente ilustrado.”

Diana Severance, diretora do Museu da Bíblia de Dunham

bvbooks
WWW.BVFILMS.COM.BR



QR CODE

